



A palavra
transformadora
em “A menina de lá”



Luciana Carnial



RESUMO

Propomos a seguinte questão: “Será o Homem um ser de linguagem que só existiria a partir do momento em que conseguisse estabelecer uma comunicação com o Outro e com o Universo ao seu redor? No conto “A menina de lá”, que integra a obra “Primeiras Estórias”, nos deparamos com uma complexa personagem idealizada por João Guimarães Rosa. Trata-se da Nhinhinha – uma menina com menos de quatro anos de idade-, que nos revela a dificuldade da criança diante da necessidade de comunicar-se. Neste conto de João Guimarães Rosa, a personagem principal personifica a relação da criança com o poético. Esta relação entre criança e poesia pode ser constatada em várias instâncias. É imprescindível ainda levarmos em conta como uma criança processa as suas próprias reflexões e nos aprofundarmos em sua forma de raciocínio, apreensão e expressão destas.



ABSTRACT

We propose the following question: “ Is the Man someone who could only exist from the moment he could establish a means of communication with the Other and with the Universe that surrounds him? In the Short Story “A menina de de lá”, which makes up “Primeiras Estórias”, we meet a complex character idealized by João Guimarães Rosa. Her name is Nhinhinha – a girl who is less than four years old – who reveals the difficulty of a child when she needs to communicate. The main character in João Guimarães Rosa’s short story symbolizes the relationship of a child with the poetical. This relationship between a child and poetry can be found in different moments. It is important to take into consideration the way a child processes her own reflexions. Go deeper to understand her way of reasoning and the way she expresses her feelings and informations.



PALAVRAS-CHAVE

palavra, criança, linguagem,
comunicação



KEY WORDS

word, infantile, language,
communication



No conto “A menina de lá”, que integra a obra “Primeiras Estórias”, o autor João Guimarães Rosa nos apresenta a história da personagem Nhinhinha. Propomos focar esta narrativa a partir da seguinte questão: será o Homem um ser de linguagem que só existiria a partir do momento em que conseguisse estabelecer uma comunicação com o Outro e com o Universo ao seu redor? E se o Outro não compreende a mensagem estabelecida...Esta inabilidade estaria na linguagem? O fato é que, de acordo com a escritura, esta menina de nem quatro anos, Nhinhinha -cuja grafia do nome já indicia sua “pequenez” -, revela a dificuldade da criança ao deparar-se com a necessidade de comunicação com o Outro, ou melhor, com o Universo ao seu redor. O Universo das coisas nomeadas. Neste conto de João Guimarães Rosa, a personagem principal personifica a relação da criança com o poético.

O raciocínio infantil, assim como o pensamento mítico, é basicamente analógico e nem sempre recodificado pelo adulto. Conforme o processo de “amadurecimento” ocorre (em relação à sociedade como um todo e ao Homem especificamente) a concretude e a abstração já não têm o mesmo peso, pois é a razão que comumente domina o raciocínio do Homem, já adulto. É necessário que haja um esforço para que a lógica não se torne a única forma de raciocínio em detrimento (subestimação) do analógico.

Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira (cf. 1984, p.7) descrevem a mente infantil como instintiva, pré-lógica, inclusiva, integral e instântanea; que só opera por semelhanças, correspondências entre formas, descobrindo vínculos de similitude entre elementos que a lógica racional condicionou a separar e excluir.

Nhinhinha não se fazia entender e não se fazia notada. “ ‘Ninguém entende muita coisa que ela fala... ‘Dizia o pai, com certo espanto (p.67)’. Revelando uma reflexão, uma espécie de diálogo interior, o autor indicia que às vezes a menina sorria-se ou perguntava-se o que estaria fazendo.

O homem-primeiro à princípio não compreendia o que acontecia ao seu redor, nem se “auto-conhecia” (perguntava-se, por exemplo, por que a gente morre ou por que estamos aqui). Sentia necessidade de resgatar a sua história, era preciso explicar de alguma forma o surgimento e o

porquê dos rituais, dos mistérios e fenômenos da natureza; era importante saber como se deram algumas ações pela primeira vez.; por exemplo, quem foi o primeiro caçador e como agia? O que ele usou para agarrar a presa? O Homem, portanto, coloca-se diante do Universo e o interroga. O Homem procurou sempre (e continuará procurando, porque isto faz parte de sua natureza) dar expressão à necessidade íntima de contar ou de “contar-se”.

O HOMEM É UM SER DE LINGUAGEM

Constatamos na narrativa que ninhinha não se fazia compreender pelo “esquisito do juízo ou enfeitado do sentido”. Para Johan Hui- zinga (1971, p.7), a linguagem é o primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e coman- dar: É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constató-las, em resumo, designá-las e com essa designação elevá-las ao domínio do espírito. O teórico afirma que na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa facul- dade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas; por detrás de toda expressão abstrata se oculta a metáfora, que é o jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o Homem cria um mundo poético. O Homem passa a narrar.

O autor João Guimarães Rosa remete-nos ao mito. Em “A menina de lá”, a voz da personagem Nhinhinha - cuja linguagem “enfeitada e sem juízo”- revela a linguagem da poesia, a linguagem primeira que o Homem usou para expressar-se diante da perplexidade do universo ao seu redor, dos fenômenos internos e externos.

O lirismo da personagem revela-se em frases como: “Tatu não vê a lua (.p.67)”, “Jabuticaba de vem-me-ver (p.69)”, “Ele te xurugou(p.69)”, “Estrelinhas pia-pia (p.69)”, “A gente não vê quando o vento se acaba (p.69)”.

Constatamos que a criança, por essência, questiona a si, ao Outro e ao Universo como meio de aprendizado.

Nhinhinha questionava por meio da Poesia, o que ocasionava a incompreensão e negação deste ato por parte das outras personagens, que alegavam que Nhinhinha simplesmente não se importava com os acontecimentos. Ninguém tinha real poder sobre ela, não se sabiam suas preferências. Como puni-la?

Esta incomunicabilidade é rompida a partir do momento em que o narrador atua na trama como um interlocutor: ouve, compreende, re-codifica e re-conta a história dessa “menininha de nem quatro anos” .

O narrador chega a atingir o didatismo ao re-codificar condensações como ‘alturas de urubuir...’ traduzindo para ‘altura de urubu não ir’.

Para Ezra Pound (1977), a poesia é a mais condensada forma de expressão verbal. “Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível (1977, p.40)”.

Guimarães nos apresenta assim um narrador imbuído da capacidade de “ouvir poeticamente” e não literalmente. Esta qualidade permite ao narrador preencher o vácuo que impedia a conclusão de um processo comunicativo, posto que nenhum diálogo estabelecia-se satisfatoriamente até então. As mensagens emitidas pela personagem Nhinhinha não cumpriam a sua função no que se refere à recepção por parte dos outros personagens, limitando-se a auto-reflexão da personagem quando muito.

A insustentabilidade das expressões conotativas de Ninhinha passam a ser superadas por meio de realizações concretas desencadeadas pelas palavras proferidas pela menina. São as palavras criadoras.

No decorrer da história, um sapo obedece ao seu chamado e objetos de desejo, como uma pamonha de goiaba, são conseguidos por meio das palavras.

Nhinhinha ultrapassa assim a invenção de uma linguagem (expressão artística) para propiciar a concretização de nova realidade a partir das palavras. A personagem-menina concretiza atos por meio de palavras proferidas e assim conclui Nhinhinha uma crescente trajetória a partir da não-comunicabilidade à evidenciação da mensagem por meio da realidade modificada.



REFERÊNCIAS

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. São Paulo: Editora Nova fronteira, 2001.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1938.

PALO, Maria José & D. OLIVEIRA, Maria Rosa. **Voz de Criança**. São Paulo: Editora Ática (Série Princípios), 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1977.

A autora é mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUCSP.

